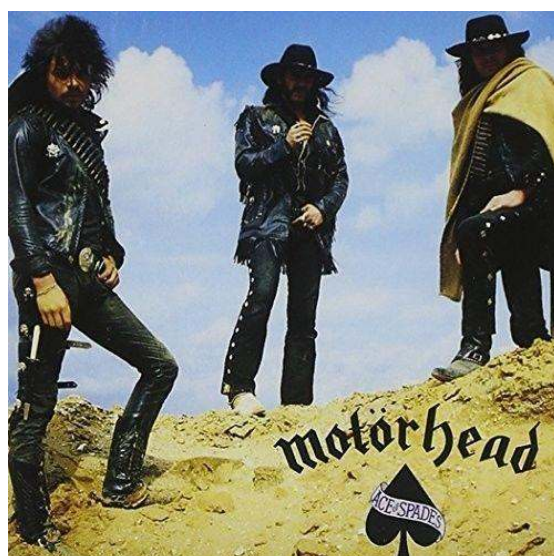




Autógrafos, bastidores e passagem de som





Nos bastidores em St. Louis durante a turnê de Ozzy Osbourne, 1981. Configurei errado minha Canon AE-1. Pedi ao empresário da turnê do Motörhead que tirasse a foto.

CONTADO POR WADE BROOKS ? COM TRACE RAYFIELD
Adaptado do episódio 23 de The Motörcast: Official Motörhead Podcast,
apresentado por Howard H. Smith



OUÇA OS DOIS LADOS NO THE MOTÖRCAST

Para conhecer mais detalhes em nossas próprias vozes, ouça tanto a minha entrevista quanto a de Helen Taylor com o apresentador Howard H. Smith no The Motörcast, o podcast oficial do Motörhead. No Spotify, abra The Motörcast e procure os episódios de Wade Brooks e ?Philthy's Sister - Helen Taylor?.

Spotify: open.spotify.com/show/3nNDAVqkgJTBjCkuj2xHSX

OS DISCOS NOS ENCONTRARAM PRIMEIRO

Para Trace Rayfield e para mim, o Motörhead chegou antes que o próprio Motörhead. Éramos fãs americanos olhando para a Grã-Bretanha numa época em que a New Wave of British Heavy Metal ainda parecia informação carregada através do oceano: uma fotografia na Sounds, um nome na seção de importados de uma loja de discos, uma capa tão perigosa que exigia atenção.

O primeiro que nos agarrou foi Overkill. A capa saltava da prateleira. Ao virá-la, víamos Lemmy, ?Fast? Eddie Clarke e Phil ?Philthy Animal? Taylor olhando de volta. Parecia menos descobrir outro álbum e mais encontrar provas de outro mundo. Depois veio Bomber, e quando Ace of Spades chegou até nós, o Motörhead já não era apenas uma banda de que gostávamos. Era a nossa banda, mesmo sem ainda ter tocado perto de nós.

O público americano podia ver AC/DC, Judas Priest e UFO, mas bandas como Motörhead, Iron Maiden e Saxon ainda não tinham uma rotina de turnês nos Estados Unidos. Trace e eu já tínhamos aprendido da maneira difícil a ser fãs de shows: estudar a imprensa musical, vasculhar todas as seções de importados, comprar os singles e os discos de doze polegadas e estar preparados quando a turnê finalmente chegasse.



Dois ases de espadas da coleção de Wade Brooks, autografados por Phil ?Philthy Animal? Taylor e ?Fast? Eddie Clarke.

Entre as peças que sobreviveram estão dois ases de espadas de verdade, um assinado por Phil e outro por Fast Eddie. Eles resumem toda a história em algo que um fã pode segurar numa só mão:

o símbolo mais associado ao Motörhead, marcado por dois integrantes da formação clássica.

PRIMEIRA FILA, BEM NO CENTRO

A oportunidade surgiu em 1981, quando o Motörhead entrou na primeira turnê Blizzard of Ozz de Ozzy Osbourne. Em St. Louis os lugares eram marcados, então ficar perto do palco exigia entrar na fila antes de todos para comprar antecipadamente. Trace passou a noite na fila e conseguiu exatamente o que queríamos: primeira fila, centro, numa arena com milhares de pessoas.

Os ingressos eram apenas o começo. Tínhamos desenvolvido um método para conhecer bandas em turnê: localizar o hotel procurando o ônibus, chegar com os discos e mostrar aos músicos que não estávamos ali por acaso. Nossas pilhas de importados eram nossas credenciais. Bandas que visitavam os Estados Unidos muitas vezes descobriam que as pessoas à espera conheciam lançamentos que nunca haviam aparecido numa loja americana fora das seções de importados.

Percorremos o centro de St. Louis verificando os hotéis mais prováveis até localizar o ônibus num hotel à beira do rio. Era um saguão elegante onde dois jovens obcecados por heavy metal, carregando discos, eram impossíveis de ignorar. Colocamos os álbuns, singles e EPs sobre uma mesa e esperamos.

TRÊS FIGURAS VOLTANDO DO GATEWAY ARCH

Caminhando até a entrada do hotel vinham Lemmy, Phil e Eddie, voltando de uma visita turística ao Gateway Arch. Se você já subiu ao topo, sabe que se viaja num pequeno módulo de bonde. Consegue imaginar os três juntos ali dentro?



Eles não tinham trocado para roupas anônimas de viagem. Pareciam exatamente o Motörhead atravessando um saguão cheio de viajantes comuns.

Eles se aproximaram, sentaram e começaram a examinar os discos. Lemmy disse: 'Vocês têm uma cidade adorável?'. A coleção quebrou o gelo imediatamente. Só havia um LP do Motörhead normalmente disponível nos Estados Unidos, mas tínhamos importados, EPs e singles de doze polegadas. Conhecíamos a história da banda e gastamos dinheiro para provar isso. Em vez de assinar rapidamente e sumir, eles ficaram. Depois nos disseram para seguir o ônibus até a arena para o show.

ENTRANDO ESCONDIDOS PELA PORTA DOS FUNDOS

Na arena não tínhamos passes, então a banda simplesmente nos incorporou ao grupo. Nos esprememos entre Lemmy, Phil, Eddie e a equipe e entramos pela porta dos bastidores como se pertencêssemos àquele lugar. Quem iria parar o Motörhead? Eddie assumiu a responsabilidade por nós e mandou que ficássemos no camarim até conseguirmos passes. O Motörhead não queria convidados sem explicação causando problemas com a organização de Ozzy.

O camarim não era uma suíte de luxo. Era um vestiário de hóquei gasto, onde todos esperavam a passagem de som, bebiam cerveja e conversavam. Tínhamos levado maconha Colombian Gold para o show, porque isso fazia parte de ir a um concerto em 1981. Eddie foi o primeiro a se juntar a nós. Depois de alguns baseados, olhou para nós e disse que, se tocasse mal naquela noite, nunca mais falaria conosco, lembra Trace. Rimos; então percebemos que ele parecia sério.

Finalmente, a banda seguiu para o palco e perguntou se queríamos assistir à passagem de som. Imaginamos que ficaríamos nas laterais. Em vez disso, fizeram sinal para subirmos ao palco. A arena inteira estava vazia, e o Motörhead tocava apenas para fazer o trabalho necessário e para nós. Fiquei no palco a cerca de cinco pés de Lemmy, batendo cabeça enquanto a banda fazia a passagem. Entre as músicas, Trace apontou nossos lugares: bem ali, primeira fila, centro. Eddie nos encontrou lá durante o show.



Motörhead no palco do show de Ozzy Osbourne em St. Louis, 1981. Ozzy quase não lhes deu iluminação. Usei uma lente grande-angular.

**?Eu estava a cinco pés de Lemmy, batendo cabeça durante a
passagem de som. Quantos fãs já receberam uma honra
dessas??**

WADE BROOKS

A VIAGEM À INGLATERRA E HELEN TAYLOR

Havia outra conexão por trás do encontro em St. Louis. Eu já era membro do Motörheadbangers, o fã-clube administrado em Leeds, Inglaterra, por Helen, irmã de Phil Taylor. Eu havia publicado uma carta na Sounds listando as bandas que amava e procurando ?pen bangers? britânicos. As respostas me deram amigos, lugares para ficar e um caminho pela cena metal britânica. Quando disse a Helen que iria, ela ofereceu seu apartamento.

Helen e sua colega de apartamento me buscaram em Blackpool e me levaram à casa dos pais dela. Naquela noite sentei na sala da família Taylor com Helen e seus pais, assistindo a filmes caseiros do Motörhead gravados pelo pai dela. Não eram clipes promocionais nem aparições na televisão. Eram imagens guardadas pela família durante os anos em que toda a história ainda se desenrolava.

A própria entrevista de Helen no Motörcast explica a origem daquela acolhida. O pai dela, fotógrafo em Leeds, idealizou o clube ao observar jovens fãs batendo cabeça e o chamou de Motörheadbangers. Helen e o namorado Paul o lançaram distribuindo panfletos no Hammersmith Odeon perto do fim da turnê Bomber de 1979. A operação funcionava nas instalações do pai em Upper Accommodation Road. Os membros passaram de cerca de mil com o primeiro boletim para aproximadamente três mil com o segundo, espalhando-se pela Europa, Japão e América do Norte.



Helen Taylor com o namorado Paul, que a ajudou a administrar o Motörheadbangers e viajou com ela durante os anos do fã-clube.

O ESCRITÓRIO NORTE-AMERICANO DO MOTÖRHEADBANGERS

Na manhã seguinte, Helen me levou ao negócio da família, onde o trabalho do clube era feito. O pai dela perguntou se eu ajudaria com o Motörheadbangers na América do Norte. Não havia contrato, salário nem grande título. A qualificação era comprometimento, e minha resposta foi imediata: claro.

A partir daí, os pedidos americanos passavam por mim. Eu aceitava pagamentos em dólares, organizava os pedidos de camisetas e do fã-clube, ia ao banco e enviava a Helen um cheque mensal em libras. Helen cuidava da correspondência dos membros e do trabalho na Grã-Bretanha. Paguei do meu bolso anúncios na Creem, Hit Parader e Circus. Nunca fui reembolsado nem ganhei um centavo. Na verdade, perdi dinheiro. Uma única ligação de longa distância para Helen e o Sr. Taylor podia custar cerca de 35 dólares, acompanhada de um eco que fazia o Atlântico parecer ainda maior.

Isso não diminuía o valor do trabalho. Tornava-nos parte da organização antes que "engajamento de fãs" virasse expressão da indústria musical. O escritório de Helen mantinha nomes e endereços à mão em fichas. Boletins significavam endereçar envelopes, colar selos e carregar sacos de correspondência. Ela e Paul viajavam para entrevistar Lemmy, Phil e Eddie para cada fanzine e depois imprimiam a conversa com palavras, referências a drogas e arestas intactas.

Lemmy lia as cartas que levávamos e às vezes escrevia respostas pessoais. Essa ligação direta era o motivo pelo qual o Motörheadbangers importava. Não colocava uma camada corporativa polida entre a banda e o público. Permitia aos fãs sentir que participavam da vida do Motörhead - e às vezes participavam de verdade.

Não use essa caixa postal; ela pertence a um anúncio da revista Circus de 1981.

MOTORHEADBANGERS. The Official Motorhead Fan Club. Send Self-Addressed Stamped Envelope for Details to: PO Box 28088, St. Louis, MO 63119

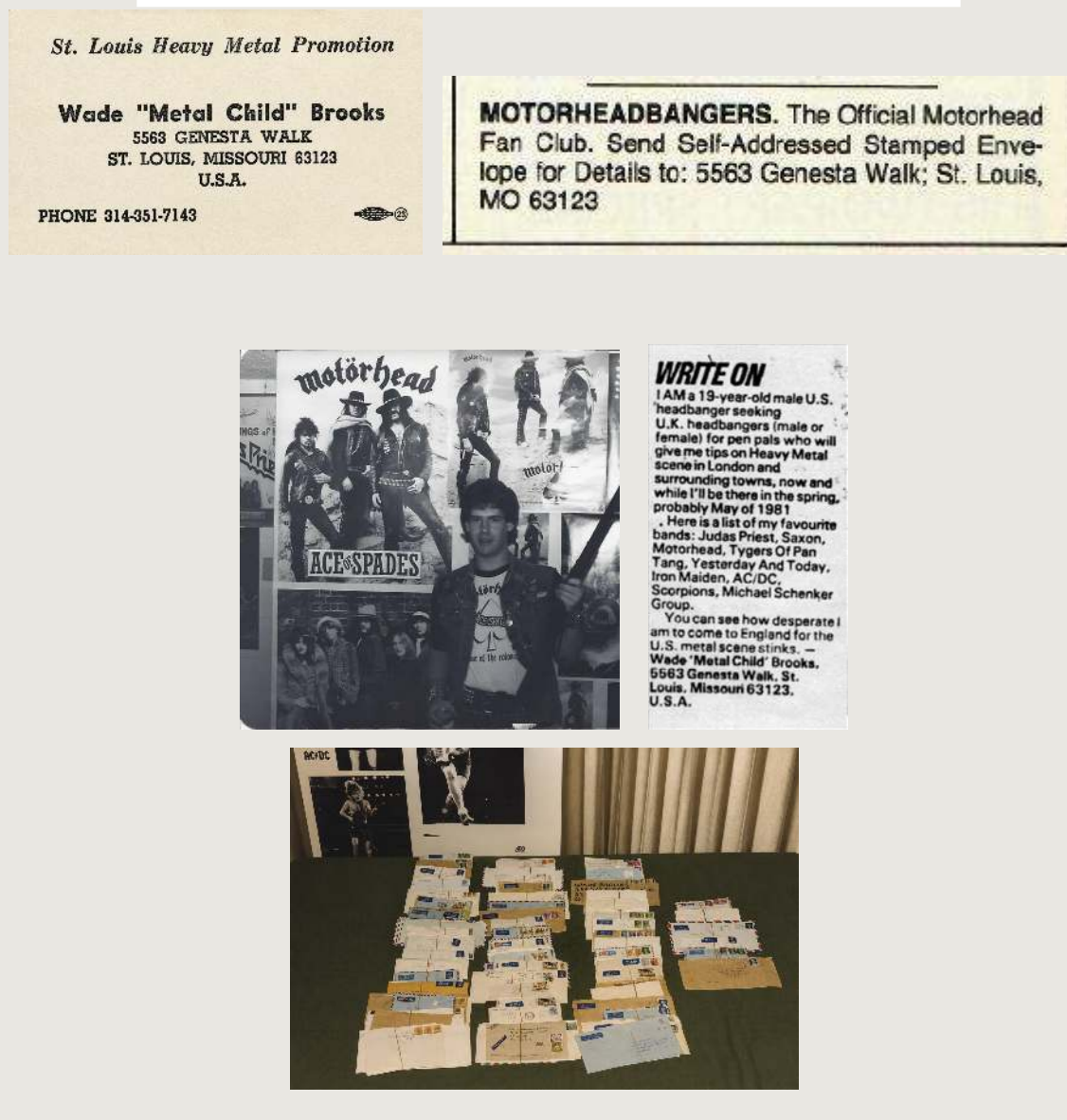
NOSSO PRÓPRIO TIPO DE ACESSO

Os encontros modernos são agendados, precificados e cronometrados. Os nossos foram construídos com paciência, coragem e preparação. Os músicos viram dois fãs americanos segurando discos que tinham viajado mais longe do que eles e entenderam o que aquilo significava. O Motörhead era atração principal na Grã-Bretanha, mas naquela primeira turnê americana era banda de abertura. No hotel não havia multidão esperando nem barreira nos separando. Por algumas horas tivemos a banda quase só para nós.

Essa generosidade não se limitou a uma tarde. Helen lembrava Lemmy como alguém que cuidava dela na estrada, verificava se estava segura e emprestava a chave do quarto quando viajar numa van gelada a deixava desesperada por um banho. Trace e eu encontramos

o mesmo instinto em outro ambiente. Chegamos como fãs, mas o Motörhead nos tratou como convidados.

FÃ-CLUBE - Da casa do meu pai, 1981



Wade com Helen, correspondência entre St. Louis e Leeds, fotos da viagem à Grã-Bretanha e anúncios originais de revistas.

DETROIT: A HISTÓRIA MUDA DA NOITE PARA O DIA

Um ano depois, Trace e eu planejamos uma viagem por Cincinnati, Detroit e Chicago durante a turnê Iron Fist. Então Eddie deixou o Motörhead. Acreditávamos ter feito um amigo para a vida em St. Louis e ficamos arrasados por ele não estar lá. Por um momento toda a viagem

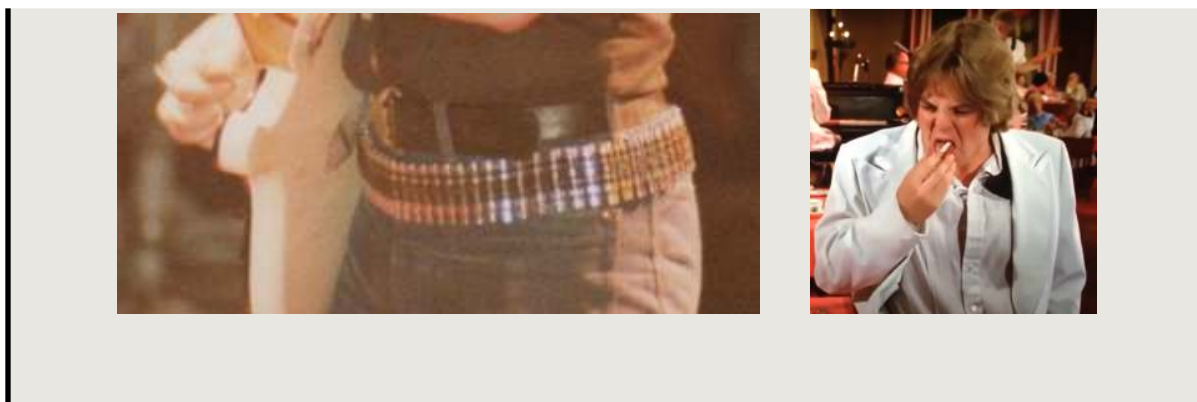
pareceu incerta. Quando a turnê continuou com Brian Robertson, decidimos seguir em frente também.

Por puro acaso, o show em Detroit no Harpo's se tornou a primeira apresentação de Robertson com o Motörhead. Estivemos presentes na passagem de som e no ensaio enquanto ele observava Lemmy cuidadosamente, aprendendo a navegar pelas músicas e pelo palco. O clima nos bastidores era mais sério que em St. Louis. Todos sabiam a importância daquela noite. Lemmy, porém, ainda encontrou tempo para conversar conosco e jogar videogame no saguão.

Conversamos sobre a colaboração proposta com Wendy O. Williams, sem saber quanto aquela gravação havia influenciado a saída de Eddie. Perguntei diretamente a Lemmy se ele e Wendy tinham dormido juntos. A resposta foi puro Lemmy: ele acordara embrulhado em celofane. Era escandalosa, engraçada e entregue sem hesitar - o tipo de resposta que permanece quando os detalhes organizados ficam turvos.



Dei a Lemmy meu cinturão cromado de balas; alguém havia roubado o dele e ele usava um de latão. (Não sei de quem é esta foto; recortei uma da Internet. Pode me processar, estou quebrado.)



CHICAGO, O CINTURÃO DE BALAS E AS GARRAFAS DE BECK'S

Na noite seguinte chegamos a Chicago. Segundo disseram, alguém havia roubado o cinturão cromado de balas de Lemmy, deixando-o com o conhecido de latão, e ofereci o meu como substituto. Nos bastidores, cerveja Beck's estava empilhada em tinas cinzentas com gelo e não restavam garrafas cheias. Minha namorada da época, Polly, mais tarde minha primeira esposa, viu Lemmy pegar garrafas pela metade, sacudi-las e beber. Ela avisou que havia pontas de cigarro de outras pessoas dentro. Lemmy disse que já tinha olhado antes de beber. (Lembram de Caddyshack?)

Não eram grandes acontecimentos históricos. É exatamente por isso que importam. Mostram a escala humana do mundo da banda: um cinturão emprestado, uma cerveja pela metade, um videogame no saguão, uma piada durante a passagem de som. A lenda já estava sendo construída, mas de perto era feita de momentos pequenos, engraçados e às vezes imundos.

O SOFÁ NOJENTO

O camarim de Chicago girava em torno de um sofá xadrez realmente nojento. Brian Robertson, recém-chegado ao Motörhead após a saída de Eddie, sentou ali com Lemmy e o restante de nós enquanto as garrafas de Beck's se acumulavam. As fotos capturam uma formação em transição sem torná-la solene: jornais, cigarros, cerveja, risadas e o tipo de móvel que nenhum pacote VIP pago ousaria reproduzir.

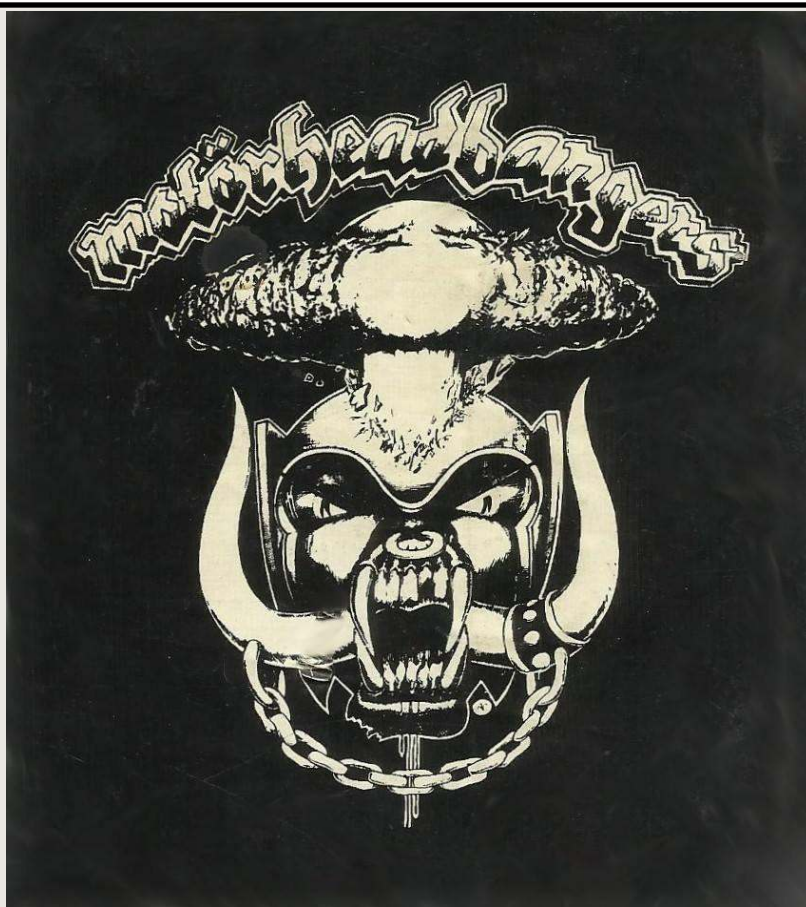


Mais do camarim de Chicago: Brian Robertson, Lemmy e o grupo durante a transição da era Iron Fist. Minhas fotos são as primeiras da nova formação; fotografei em preto e branco para enviar à Sounds.



A essa altura, os três homens que conhecemos voltando do Gateway Arch haviam se tornado figuras permanentes da história do rock. Phil morreu apenas algumas semanas antes de Lemmy. Eddie os seguiu em 2018. Mas minhas lembranças mais claras não são distantes nem cerimoniais. Lembro dos discos espalhados sobre a mesa do hotel. Lembro de passar espremido pela entrada dos bastidores. Lembro da Colombian Gold, da cerveja, do aviso de Eddie e de uma arena vazia tremendo enquanto eu estava a cinco pés de Lemmy.

As lembranças de Helen completam o quadro. Ela conheceu o Motörhead como família, trabalho e experiência vivida. O Motörheadbangers foi sua vida em tempo integral do fim de 1979 até 1982, e ela viu o fã-clube virar uma rede internacional unida por cartas, selos, quilômetros de estrada e confiança. Meu pequeno escritório norte-americano pertencia a essa rede. Trace e eu não observávamos a história de fora. Por algum tempo, graças a uma mistura de coragem e sorte, tivemos permissão para entrar nela.



?Chegamos como fãs, mas o Motörhead nos tratou como convidados de honra.?

O QUE PERMANECE

Os importados assinados permanecem. As fotografias permanecem. Os fanzines, cartões, anúncios e cartas permanecem onde os fãs os protegem. Até histórias que antes pareciam pequenas demais para registrar agora carregam história: o pai de Helen filmando os primeiros shows com uma enorme câmera de vídeo no ombro; a correspondência do clube empilhada em sacos; Eddie rindo até perceber como estava chapado; Lemmy lendo cartas em Colville Houses; Trace entregando fotografias de trinta anos a Mikkey Dee.

A história de uma banda nunca é apenas os lançamentos oficiais e as grandes turnês. Também são os caminhos percorridos pelos fãs em direção à música e a generosidade que às vezes os encontrou no meio. Não compramos acesso. Encontramos o ônibus, levamos os discos e aparecemos preparados. O Motörhead fez o resto.

GALERIA DE FOTOS: ST. LOUIS, 1981

As fotografias coloridas do show de Ozzy Osbourne preservam a noite em que dois determinados fãs americanos se tornaram convidados do Motörhead nos bastidores.



Mais cenas dos bastidores do show de Ozzy Osbourne em St. Louis, 1981.

NOTA AOS LEITORES

Este é um fanzine. Não cobro por ele. Está disponível em www.metalchild.com para leitura online ou download. Se você tiver o PDF, eu o incentivo a enviar cópias por e-mail para velhos amigos do heavy metal. Relembrem suas próprias histórias com os velhos companheiros. Algumas fotos usadas nesta edição apareceram originalmente na Sounds. As lembranças, fatos, fotografias e correções são meus; forneci a história em partes, e o ChatGPT ajudou a organizá-las e recomendou como uni-las numa narrativa agradável. Em abril tive um alerta sério com um ataque cardíaco. Uma artéria estava 99% obstruída e precisou de três stents, quatro no total. Estou aposentado, e nossa filha e nossos netos moram conosco. A aposentadoria me deu tempo. As lembranças voltam aos montes. É bastante fácil enviar fotos ao ChatGPT e contar as histórias ao redor delas. São muitas horas de edição, mas é muito divertido. Atenciosamente, Wade ?Metal Child? Brooks. Meus netos me chamam de Opa e minha esposa de Oma (casei-me com uma alemã).

CONTATO

Wade ?Metal Child? Brooks

E-mail: wadealanbrooks@gmail.com

Site: www.metalchild.com

St. Charles, Missouri, EUA - ligações ou mensagens: 314-690-8320

Se precisar me enviar algo pelo correio, entre em contato e darei meu endereço atual.



Metal Child Old School Heavy Metal Fan

@MetalChildOfficial

Past: Motorheadbangers North America with Helen Taylor, Iron Maiden Fan Club - replied to fan letters for Rod Smallwood, Promotion for Trouble & Exciter. ...more

Facebook

Customize channel

Manage videos

YouTube <https://www.youtube.com/@MetalChildOfficial>



Metal Child Old School Heavy Metal Fan

5.8K followers • 30 following

Past: Motorheadbangers North America with Helen Taylor, Iron Maiden Fan Club - replied to fan letters for Rod Smallwood, Promotion for Trouble & Exciter.

Media/news company

Professional dashboard

Edit

Advertise

Facebook <https://www.facebook.com/MetalChildMidwestHeavyMetalPromotions>

Todas as fotos do Motörhead são minhas: minha câmera, meu filme e minha revelação. Não me importo que você as use; não precisa pedir permissão. Mas não coloque seu nome, uma data e um aviso de direitos autorais nelas, como alguns fizeram sem pedir desculpas.

PRODUTOS EM BREVE

Camisetas, bonés, bottons, adesivos e patches a preços acessíveis



Próximas edições: Bon Scott/AC/DC, NWOBHM, Iron Maiden, Saxon, Trouble, Exciter, Jaguar, Mike Varney (Shrapnel Records), Raven, Bernard Doe (Metal Forces) e muito mais.

If you like to gamble, I tell you I'm your man
You win some, lose some, it's all the same to me
The pleasure is to play, it makes no difference what you say
I don't share your greed, the only card I need is

The Ace of Spades
The Ace of Spades

Going for the high one, dancing with the devil
Going with the flow, it's all a game to me
Seven or eleven, snake eyes watching you
Double up or quit, double stake or split

The Ace of Spades
The Ace of Spades

You know I'm born to lose, and gambling's for fools
But that's the way I like it, baby, I don't wanna live forever
And don't forget the joker

Pushing up the ante, I know you got to see me
Read 'em and weep, the dead man's hand again
I see it in your eyes, take one look and die
The only thing you see, you know it's gonna be

The Ace of Spades
The Ace of Spades, ah